



A DESESPERANÇA NA CONTEMPORANEIDADE E AS MATRIZES DO EU

Marília do Nascimento Engleitner¹

“Você precisa ficar no escuro
para produzir sua própria luz”.

(Debbie Ford)

RESUMO

Esta pesquisa aborda a desesperança na contemporaneidade e as matrizes do eu, tem como objetivo conhecer quais as formas de acessar a esperança do sujeito durante a escuta na clínica psicanalítica. Também investigamos uma abordagem interdisciplinar entre psicologia-psicanálise e teologia. Delimitamos a pesquisa estudando a abordagem psicológica-psicanalítica do espelhamento e abordagem teológica do espelhamento. Em relação à busca da esperança e a dimensão afetiva como elos do eu, refletimos sobre o sentimento de continuidade do eu através das relações interpessoais na clínica e interface com a espiritualidade. O método de investigação adotado é a pesquisa bibliográfica, a psicanálise moderna e hermenêutica pautada na leitura de Palmer (1989) e Ricoeur (1969). Concluímos através do estudo que a imagem da pessoa é relacional, assim as relações interpessoais e transcendentais buscadas na face de Deus em Jesus proporcionam articulações subjetivas através do ‘verbo’ e podem ser pensadas como fonte da fé, com efeito, elos de esperança e da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Desesperança; psicologia-psicanálise; teologia.

INTRODUÇÃO

Iniciamos este escrito retomando algumas angústias e pontos desenvolvidos na monografia do curso de Pós-Graduação em Leituras Bíblicas e Mundo Contemporâneo, no qual trabalhamos com a questão da desesperança no mundo contemporâneo e as possíveis aberturas do Ser. O nosso problema de pesquisa apresenta um fio condutor com a seguinte reflexão: quais as formas de acessar a esperança do sujeito durante a escuta na clínica psicanalítica?

¹ Mestre em Psicologia da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Pós-Graduanda do Curso de Pós-Graduação em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Instituto Missioneiro de Teologia.

Nesse escopo retomamos alguns pontos considerados pertinentes ao trabalho que temos realizado na clínica psicológica-psicanalítica que abrange as questões relativas à constituição do eu e a busca da esperança como mola inspiradora de vida.

As linhas que se seguem retomam o saber psicológico-psicanalítico pautado no corpus teórico de referência a psicanálise freudo-lacanianana que orientam as questões referentes à constituição do eu ideal, ou eu imaginário, na sua reconfiguração articulada ao ideal do eu, ou eu simbólico. O trabalho também faz referência à esperança e a espiritualidade como elos da subjetividade.

Para tanto, retomamos as reflexões preliminares sobre o estudo da espiritualidade através de Loder *apud* Wondracek *et al* (2012), que lança luz ao nosso entendimento insipiente sobre a relação subjetividade-espiritualidade, pois extraem da precariedade sinais do eterno no transcendente. Ambos apontam o caminho da relacionalidade conforme o modelo calcedoniano, mais próximo do *Logos* joanino que nos aponta para o caminho do amor e do sentir.

No cotidiano da clínica vemos que o conflito humano se expressa de muitas formas, sendo que algumas pessoas emudeceram suas vozes na tentativa de sobreviver, outras argumentam que falar pode intensificar o problema ou sofrimento. Lembramos de que também no sofrimento encontramos um sentido para nossas vidas e a partir dali podemos descobrir novos horizontes que nos conduzem a aberturas ao transcendente. Freud sublinha: “Enquanto estiver sofrendo, o homem ainda pode ser bem-sucedido no mundo”.

Retomando a situação da pessoa que escolheu calar-se, deixar o tempo passar, questionamos se essa forma de viver seria a mais adequada a sua evolução, pois convivemos e escutamos na clínica a queixa de pacientes relativa aos problemas de saúde do corpo que se mostram nas questões psicossomáticas. Sabemos que o objetivo da vida humana pauta-se no desenvolvimento e elevação de nossa consciência. Assim, reiniciamos com a poesia de Mário Quintana intitulada: da primeira vez em que me....

“Da primeira vez em que me assassinaram,
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.
Hoje, do meu cadáver eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada.
Arde um toco de Vela amarela,

Como único bem que me ficou (...)

De nossa parte maltratada não podemos ter saudades, pois precisamos conhecer o nosso sofrimento no sentido de construirmos novos posicionamentos psíquicos e espirituais. No texto “Recordar, repetir elaborar” Freud (1980) ensinou que tendemos repetir nossas experiências “mal tratadas” na tentativa de reelaboração. Seguimos então com as elaborações na tentativa de compreendermos os elos da esperança na clínica.

Para sustentar a sistematização do estudo, o método de investigação adotado é a pesquisa bibliográfica, a psicanálise moderna e hermenêutica pautada na leitura de Palmer (1989) e Ricoeur (1969). A psicanálise se justifica porque é uma disciplina das ciências humanas que constitui a abordagem psicológica que melhor evidencia o narcisismo do nosso meio e suas necessidades de abertura. O diálogo com as duas especificidades distintas pretende esclarecer a sociedade acadêmica sobre os perigos do individualismo e apontar para a importância do conhecimento interdisciplinar.

1 UMA ABORDAGEM PSICOLOGIA-PSICANALÍTICA DA CONSTITUIÇÃO DO EU

Muitos autores da psicanálise, literatura e filosofia ofereceram contribuições valiosas para a compreensão da identidade a partir da psicologia do espelho como: Lacan, Winnicott, Dolto, e outros. Melanie Klein *apud* Slavutzky (2009) aponta que antes da fase do espelho, há uma imaturidade do bebê, que se mostra pelo fantasma do corpo fragmentado. O bebê nos seis primeiros meses de vida vive uma experiência de indistinção entre o seu corpo, o de sua mãe e com o mundo. Em torno de seis meses esse bebê se reconhecerá no espelho. Essa é a fase em que ocorre um novo ato psíquico com a formação do eu, na qual se dá a passagem do autoerotismo para o narcisismo. A psicologia do espelho revela-nos aspectos fundamentais referentes aos elementos da constituição do “eu”, ou seja, a constituição de parte da matriz da subjetividade humana.

Apoiados nas indicações psicanalíticas de Lacan (1998), Dolto (1992) e Winnicott (1975), bem como através de autores que seguem esses referenciais, compreendemos a relação do imaginário com a possibilidade do indivíduo compor um mínimo de organização subjetiva que lhe permite constituir ao longo da vida

posições singulares concernentes ao status de adulto. Enfocamos tanto o espelho físico quanto o espelho subjetivo que a família e os outros nos oferecem.

Os espelhos que os outros nos oferecem, bem como o espelho físico, exercem sobre nós influências humanas e imaginárias, como aparece nas diferentes versões do mito de Narciso, do qual Freud derivou o conceito de narcisismo. Na Grécia antiga, nasceu o mito de um jovem muito belo chamado Narciso. Seus pais consultaram o oráculo e Tirésias apontou que a criança só viveria se evitasse ver-se. Havia uma jovem, muito linda, uma ninfa, que se apaixonou por Narciso, ela chamava-se Eco e costumava sempre ter a última palavra, no entanto Narciso a rejeitou, sendo que ela pelo feitiço que recebera de uma fada, somente poderia responder em eco as demandas de Narciso, assim ela também ficara presa ao espelho imaginário do outro. Um dia, o jovem sentou-se à beira de um rio para beber água e ao ver sua imagem ficou fascinado e foi absorvido pela beleza não de si, mas do que via sem saber que era ele mesmo. Por fim, ele se atira em busca dessa imagem e morre, reintegrando-se à natureza. Lembramos que a jovem Eco permaneceu a chorar sua dor de amor e escondida na floresta morreu desintegrando-se na natureza. O espelho fascina a pessoa, pois revela algo a quem o olha. Algo que pode ser próprio de sua pessoa ou do outro.

Esse mito é bastante significativo, pois demonstrar o quanto estamos sujeitos e dependemos do reconhecimento do Outro² ao qual endereçamos o nosso olhar. Somos seres relacionais podemos ficar presos à ilusão de um ideal, mas ao nos distinguirmos pela palavra em seu deslocamento de sentidos reposicionamos a vida e fazemos dela uma vida ativa.

Em uma comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, no dia 17 de julho de 1949, intitulada “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, Lacan ([1949]1998) apresenta a teoria de que a criança reconhece sua imagem antes de ter um domínio geral de seu corpo, imagem que é virtual, e somente possível graças ao amparo do Outro.

² Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrasubjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar de alteridade especular. Mas pode também ser a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então ao pequeno outro, quer o pequeno a, definido como objeto (pequeno) “a” (ROUDINESCO & POLON, 1998).

Em Lacan (1986), o imaginário se forma articulado ao registro simbólico e real. Através do imaginário a matriz do eu vai se constituindo. O imaginário é considerado por Lacan como categoria do conjunto terminológico real, simbólico e imaginário intitulado R.S.I, constituindo o registro do engodo e da identificação e mesmo da enfermidade.

O estágio referido é situado entre os seis e dezoito meses de vida do bebê, nesse tempo se estabelecem as primeiras identificações da criança, corresponde ao declínio do desmame, momento em que o sujeito reconhece sua imagem no espelho. É também referência nuclear na passagem adolescente, ou seja, da operação alienação-separação, foco principal da teoria do imaginário numa perspectiva psicanalítica. A primeira intervenção de Lacan, na psicanálise, é para situar o “eu” como instância de desconhecimento, de ilusão, de alienação, sede do narcisismo e da alteridade especular e que se diferencia daquilo que concerne ao sujeito. Jacques Lacan definiu a fase do espelho como uma identificação virtual no sentido pleno do termo, pela transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem.

O olhar do adulto funciona para a criança como um espelho, ela se vê e se reconhece nesses olhos, ali encontra o reflexo de sua imagem que funciona como formadora do “eu”. Conforme referimos, o que está em jogo na fase do espelho é o narcisismo, tanto no adulto como na criança, que irá definir como cada um irá se amar a partir de como foi amado.

Conforme a visão de Françoise Dolto (1992), para pensarmos os estados primitivos do desenvolvimento do bebê será preciso conhecer o desenvolvimento da imagem inconsciente do corpo e do esquema corporal. Nesse sentido ela concorda com Lacan sobre a constituição do estágio do espelho, mas considera os aspectos relativos à imagem inconsciente do corpo e o esquema corporal, considerados os índices de separação entre a mãe e o bebê, sendo que a imagem proprioceptiva do corpo passa a ser integrada, corporificada pelo sujeito e base das sensações-percepções do futuro adulto.

Já para o Winnicott, o sujeito saudável se identifica com a sociedade, mas não a ponto de perder sua individualidade sendo importante, além da experiência de satisfação referida por Freud, o gesto espontâneo. Ele aponta que a esperança como princípio precisa estar presente em nossa caminhada nessa busca de sentido em nossa existência (SPIZZIRRI, 2007).

Somando-se a isso, Winnicott refere o vínculo a percepção-percepção como um processo histórico que está na dependência de ser visto: “quando olho, sou visto; logo existo. Posso agora me permitir olhar e ver. Olho agora criativamente e sofro a minha a percepção, também percebo. Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto” (1975, p.157).

Nos primeiros dias da vida de uma criança as mães se adaptam às necessidades do filho exercendo uma “função materna suficientemente boa”, segundo Winnicott (1975). A mãe responde quase automaticamente às necessidades da criança. Mas muito cedo se produz uma defasagem entre, por um lado, a dialética da demanda e do amor e, por outro, a da necessidade e da satisfação. Isso já é ação da mãe, em sua maior ou menor aceitação, de que o filho seja, desde seu nascimento, separado dela. Separação inicial de um sujeito que, encarnando-se num corpo através de certos momentos decisivos precisará, ao mesmo tempo, construir uma identidade simbólica e perder uma relação privilegiada com o mundo e os objetos que a mãe, então primordial, sustentava.

Desse modo, muitos bebês têm longa experiência de não receberem de volta o que estão dando. O outro não devolve ao bebê o que esse lhe oferece. Assim, alguns bebês diante das circunstâncias difíceis do ambiente não abandonam a esperança e começam a prever o ambiente, ou seja, sentem que podem ser espontâneos em algumas circunstâncias e em outras não. A qualquer momento, o rosto da mãe poderá se fixar e seu humor dominará, sendo que as necessidades próprias do bebê devem ser afastadas, pois de outra maneira seu (self) central poderá ser afrontado. Caso a pré-história do sujeito seja configurada de acordo com um ambiente tóxico, isso também retornará nas outras fases da vida (WINNICOTT, 1975).

As pessoas atendidas na clínica nos procuram porque estão aguardando trocas interpessoais significativas onde possam receber de volta aquilo que estão oferecendo para deslocarem-se ao centro de suas vidas. O grande problema ocorre quando a pessoa perde a esperança, quando o desespero ganha espaço e a pessoa vive uma vida indisciplinada, desorganizada, ambígua em conflito constante com seu próprio eu e os outros.

Entretanto, com aquelas pessoas que ficam em tratamento, verificamos que elas espelham a situação de sofrimento que viveram seja nos primórdios de suas vidas ou não, o terapeuta pode sentir na transferência o estado emocional do sujeito,

assim eles esperam que o terapeuta indique-lhes o ponto onde “erram”, ou seja, o ponto onde eles sofrem. Nesse sentido, pensamos que a luz da teologia na vertente do espelho transcendente possa contribuir com o psicólogo para que na relação transferencial com o paciente esse esteja ciente da graça presente na relação subjetiva de troca e crescimento para ambos os participantes.

2 UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA DA CONSTITUIÇÃO DO EU: ESPELHO TRANSCENDENTE

Para adentrarmos no território da espiritualidade podemos lembrar que o Ser se expressa de muitas formas, ou seja, através da subjetividade, da cultura, dos mitos, das artes, das nossas crenças, da lei, da moral, dos costumes, dos hábitos e das aptidões adquiridas pela pessoa que são de alguma forma expressões da alma e do espírito. A seguir desenvolvemos uma breve reflexão sobre de como a religião e espiritualidade podem lançar luz no trabalho do profissional. Lembramos aquela pergunta chave da existência: quem sou eu? Quem está no comando da minha vida? Na visão da Teologia a identidade humana se expressa numa unidade em duas direções na qual Cristo exerce prioridade ontológica.

O espírito humano diante da “angústia do não ser” tem sido forçado diante do desamparo, a perder contato com sua força original e contradizer a si mesmo, de outro modo, podemos dizer que a pessoa em muitas situações, pode ficar alienada ao mundo fenomênico pautado nas dificuldades, nos problemas e deixar de lado os aspectos fundamentais relativos ao simbólico e espiritual. Dito de outro modo, o espírito humano para se manifestar precisa passar pelas fases do desenvolvimento e reconhecer o princípio organizador da vida, ou seja, reconhecer o sentido platônico-agostiniano que aponta para importância do ‘sentir para conhecer’ que se difere do cogito cartesiano, no ‘eu penso, logo existo’.

No sentido de nos situar na abordagem proposta, lembramos que na epígrafe do livro de Wondracek *et al* (2012) está escrito: “com efeito, estudar o espírito humano, não no abstrato, mas junto às matrizes do desenvolvimento humano, é não somente levar nossa existência a sério, mas também estudar, implicitamente, certos aspectos do universo físico e o que está além dele”. O pensamento de Loder é fértil para compreensão do desenvolvimento humano numa abordagem interdisciplinar e

nos ajuda a articular o desenvolvimento das matrizes do eu no sentido espiritual e interpessoal.

O trabalho de Loder manifesta uma grande importância através de sua teoria da recursividade, que expõe a dinâmica relacional entre a divindade e a humanidade. Para ele a matriz do eu transcendente pode ser buscada da face de Deus em Jesus.

Lembrando a lógica calcedoniana, proposta por Loder *apud Wondracek et al* (2012), o grande debate ocorrido no Século V, que ficou conhecido como Concílio da Calcedônia, a respeito da natureza de Jesus Cristo, conceitua a verdade sobre a dupla condição de Cristo, ou seja, sua natureza divina e humana. É um paradigma para relacionar campos diferentes de saberes da lógica interdisciplinar, e para os nossos estudos, sobre o desenvolvimento do eu e as dimensões da espiritualidade no humano.

Seguindo a esteira do paradigma interdisciplinar, Loder *apud Wondracek et al* (2012) apoiado nas ideias do antropólogo Max Scheller indica que a pessoa como ser espiritual, vai além da concepção naturalista e consegue inibir instintos. O ser humano possui características de autotranscendência, ou seja, exocentricidade (espírito humano), a imagem da pessoa advém de uma dimensão fora da subjetividade da pessoa. De outro modo, amparado nas pesquisas neurológicas de Wilber Penfield aponta duas essências ao ser humano: um cérebro com suas estruturas e padrões de conduta e um eu com capacidade de modificar esses padrões.

Desse modo, o estudo corrobora de forma inédita para o diálogo entre teologia e ciência ao descrever, detalhadamente, como o Espírito Santo age para transformar o espírito humano. É possível falar que Loder via na lógica do espírito uma nova gramática para estudos interdisciplinares no século XXI (WONDRACEK *et al*, 2012).

A lógica tem a ver com os processos básicos que o ser humano usa para tomar conhecimento de si e do seu mundo. Eles são racionais e relacionais. Todo conhecimento advém da pessoa e não é possível separar o conhecedor do conhecimento, a pessoa transforma-se na relação de conhecimento.

Para Loder *apud Wondracek et al* (2012), espírito tem a ver com a dinâmica originária presente no ser humano que, configura o seu conhecimento. Tal dinâmica pode se caracterizar como um padrão coerente que une num todo variadas formas

de pensar sobre um assunto ou situação. O espírito procura a integridade de conhecimento independente do conteúdo ou da complexidade, diz a Bíblia: “e quando eu for levantado da terra, atrairei todas as pessoas para mim” (João, 12:32).

Segundo Loder *apud* Wondracek *et al* (2012) Jesus é Emanuel (Deus conosco). Ele é a face de Deus que não vai embora. Ele se dirige ao encontro do espírito humano por meio da uma face que reedite no nível espiritual o que a face da mãe fez pela criança. Entretanto, essa Face modificará a existência humana. E ela vai inspirar a vida na base da graça, da satisfação e não mais no sacrifício. Loder apresenta uma antropologia embasada pela teologia em que as diferenças relativas ao desamparo-amparo humano tornam-se experiências diferentes no contexto da vida, pois ao ampliarmos as formas de perceber as crises da vida podemos construir caminhos de abertura.

Os estudos desenvolvidos pela psicologia e psicanálise indicam de alguma forma à teologia o alcance do anseio pela face de Deus, por que? Como vimos nas reflexões sobre a constituição do desenvolvimento do eu pautado na teoria psicológica-psicanalítica do espelho, ao longo da vida o bebê forma a imagem de si a partir do semelhante que vêm de fora da sua interioridade. Ao longo da vida, há as crises existenciais e sofrimentos psíquicos e físicos que exige do sujeito novos arranjos da sua subjetividade e o aprimoramento dos sentimentos e pensamentos. Existencialmente as pessoas anseiam por uma ordem cósmica, uma presença autoconfirmadora de um Outro amoroso, assim por meio da concentração, da meditação, das reflexões sobre a palavra de Deus e insights produzem na pessoa certa tranquilidade e paz indicando o caminho a ser seguido (LODER *apud* WONDRAČEK *et al*, 2012).

Para Loder *apud* Wondracek *et al* (2012), a identidade dialética pautada na antropologia teológica compreende que a natureza humana foi feita para demandar o direito de que Jesus seja a face de Deus. Desse modo, Jesus, sendo face de Deus e ao gravar na pessoa a que espécie ela pertence, como efeito, produz no “eu” “a afirmação na base da graça. A percepção do *self* num nível mais profundo implica certa libertação da culpa, vergonha e apego, no eterno sim de Deus, que provê um ordenamento cósmico, uma presença amorosa de Deus.

A imagem simbólica da pessoa pode ser pensada na forma como ela conta e se posiciona em relação a sua história. O afeto, as representações coisa e palavras interligadas aos pensamentos, bem como, o corpo sendo percebido com respeito

está sujeito à transformação pelo espírito, religado ao seu fundamento e se constitui no alvo supremo do Espírito Divino. Assim, a fé é nosso espírito que quer conhecer a imagem que fomos feitos, assim quando o espírito encontra o seu fundamento na perspectiva Divina, ele transforma as competências do ego.

Desde que nascemos estamos mergulhados no caos existencial, que pode ser negativo ou positivo. Nosso eu ao longo da vida busca compreender a ordem e regularidade dos fenômenos e situações que permeiam sua vida. O afastamento da face de Cristo é aproximado do conceito de pecado. O pecado pode ser pensado como perversão ou retorno para dentro da alma, produzindo angústia e comportamento autodestrutivo. Loder *apud* Wondracek *et al* (2012) aponta que pecado tem a ver com “desespero”, quebrantamento, entretanto, esse apenas torna-se “pecado original” no instante em que este é levado à presença de Deus, de outro modo, quando o eu é revelado como trágico. Em meio a essa tragédia podemos escutar um silêncio e uma paz fecunda que de alguma forma revelam a verdade de nossas identificações, uma verdade aberta a novos devires e a criatividade que pode ser pensada como luz de inspiração na condução da nossa ação e criação.

De forma esclarecedora, os autores nos ajudam a olhar além do eu periférico e buscar a face humana na face de Deus em Jesus, essa busca essencial pelo originário da nossa existência. A matriz do eu transcendente no Logos joanino, no Ser-essencial, na Inteligência Criadora mantém todas as coisas juntas. O desejo de Ser e existir é uma imagem simbólica em sua abertura ao infinito. Na Bíblia se lê: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém pode chegar até o Pai a não ser por mim. Agora vocês me conhecem, conhecerão também meu Pai. E desde agora vocês o conhecem e o tem visto” (João 14,6-7). Seguimos com um fragmento colhido da clínica e transformado para nossas reflexões.

3 FRAGMENTOS SUBJETIVOS DA VIDA DE VALENTINA INSPIRADOS NA RELAÇÃO COM ELIAS NO I LIVRO DOS REIS

Elias e o anjo

Elias andou pelo deserto um dia de caminho. Sentou-se debaixo de um junípero e desejou a morte: basta Senhor, disse ele; tira-me a vida, porque não sou melhor do que meus pais.

Deitou-se por terra, e adormeceu debaixo do junípero. Mas eis que um anjo tocou-o, e disse: “Levanta-te e come”.

Elias olhou e viu junto à sua cabeça um pão cozido debaixo da cinza, e um vaso de água. Comeu e tornou a dormir.

Veio o anjo do Senhor uma segunda vez, tocou-o e disse: “Levanta-te e come, porque tens um longo caminho a percorrer”.

Elias levantou-se, comeu e bebeu e, com o vigor daquela comida, andou quarenta dias e quarenta noites, até Horeb, a montanha de Deus (1Rs 19,4-8)

Andamos e nos movimentamos não somente em relação ao corpo físico, mas em relação ao corpo emocional, proprioceptivo, relacional e espiritual tecido na família, nas instâncias institucionais, na cultura e na relação com a natureza e o cosmos. Somos seres holísticos que estamos vivendo uma experiência humana. Algumas vezes perdemos a esperança, nos entristecemos e ficamos depressivos. Como podemos resgatar a esperança na vida após perdas e momentos difíceis? Caso tenhamos pulado algumas fases do desenvolvimento por razões diversas como podemos costurar a nossa subjetividade e reaprendermos a viver? Como podemos acompanhar alguém em estado depressivo sem privá-lo de seu sofrimento? Lembramos que o drama dos psicóticos é se encerrarem num único nível de consciência, nas grandes imagens e arquétipos que nos habitam (LELOUP, 2010).

Assim, algumas vezes estamos cansados como Elias, com vontade de deitar, porque temos conflitos, problemas, nos alienamos à imagens que proporcionam gozo momentâneo e não sabemos como conduzir nossa vida, as memórias negativas nos prendem, nos amarram e sugam as nossas energias. As razões dadas por Elias também são dadas para nós: não somos melhores que nossos pais. Estudamos a religião, praticamos meditações, frequentamos cursos e seminários e não nos melhoramos. Isso pode ser angustiante ou desesperador para alguns, sentimos o cansaço e o peso emocional.

Esse texto nos remete ao atendimento de uma paciente que chamaremos de Valentina que era uma mulher bonita e inteligente, com olhos claros e expressivos. Contou-nos que estava cansada e que conhecia muito sobre espiritualidade, mas na prática não estava seguindo os ensinamentos.

Ela conta que havia se separado recentemente de uma relação estável de alguns anos. Narra que ainda sentia um apego ao ex-marido, no entanto a decisão da separação partira dele. Valentina estava cursando uma especialização na área das ciências humanas e estava tendo dificuldades para concluí-lo. Ela não

conseguia dialogar com seu orientador e imaginava que ele esperava ‘muito’ dela, sendo que ela sentia-se uma “farsa”. Numa oportunidade ela expressa: “não faço nada, não estou conseguindo escrever e sinto raiva dos meus pais, pois não me ajudam”. “Meu pai bebe, ele é insuportável. Minha mãe, conforme minha avó diz é uma coitada, pois casou com meu pai”.

O tratamento evoluiu no sentido de resgatar a imagem pessoal de Valentina no sentido da mesma poder aproximar-se dos “pais”, dos outros, num ambiente de maior gratidão. Podemos pensar que ela encontrava-se num momento de quebrantamento, conforme em Loder *apud Wondracek et al* (2012) ou de outra forma, numa linguagem lacaniana, ela estaria alienada as imagens negativas dos pais e do ambiente familiar. Numa linguagem winnicottiana, o gesto espontâneo, estava comprometido. Nossas crenças nos impedem de nos transformar e evoluirmos no sentido da transcendência. Segundo aponta Leloup, “ter fé é ir além das crenças e nesses momentos a esperança declina” (2010, p.31).

Nesse sentido, se a esperança declina, podemos pensar que o paradoxo esperança-desesperança requer uma reflexão mais profunda. Como o autor referiu anteriormente, ter fé é ir além das crenças, assim precisamos fazer o luto das experiências traumáticas para a reconfiguração da vida. Transcender as nossas ilusões nos faz sofrer.

Desse modo, há as ilusões depois a desesperança e conseqüentemente a necessidade de elaboração do luto no sofrimento, talvez então o encontro com a fé possa, como consequência, fazer ressurgir o perfume da esperança. Conforme estudamos anteriormente, no território da fé o amor consegue ser endereçado ao outro e nos traz vida, lucidez e desperta nosso melhor, a exemplo do ideal de ego e da passagem para a vida de Jesus segundo a lógica do Espírito, conforme estudamos em Loder *apud Wondracek et al* (2012). Quando Jesus ensinava aos leigos ele sempre demonstrava sua bondade e resignação. Há tantas formas de ser simples e bondoso; isso pode se expressar nas pequenas coisas como sorrir para alguém. Quando nos doamos há uma sensação de felicidade de ir em direção à simplicidade, de sentir que a vida está completa e de que sua ética é baseada na integridade.

Vivemos um momento que consideramos fundamental para acessar as percepções e sentimentos de Valentina e, com efeito, o reposicionamento de suas crenças, quando ela relatava um fragmento da infância na relação com o pai. Ela

falava de uma forma negativa do pai, assim com uma pergunta endereçada a ela, foi possível uma mudança de posição, pois sentiu e percebeu uma ternura do pai.

As sessões iniciais de Valentina expressavam certo desconforto quando ela visitava os pais na sua cidade natal. Para ela o pai era um alcoólatra e despreocupado com o tempo. À medida que seu tratamento evoluía, o pai além de ser isso tudo que ela dizia, poderia ser um pai-terno.

Ela saiu da relação com o ex-marido com uma sensação que precisava mudar, que ela fora a “culpada” pela separação. Lembramos que a culpa, a vergonha e o apego são aspectos que impedem o livre fluir da pulsão, sendo que a pulsão retorna ao eu impedindo a ampliação da consciência e expansão do eu. Com o tempo Valentina começou a ver que em muitas circunstâncias se importava demais com a opinião dos outros, inclusive do ex-marido que ainda mantinha contato. Numa oportunidade ela pergunta: “quando eu deixo de ser eu mesma?”

Com o tempo, Valentina foi aceitando suas limitações e as dos outros, seu lado bom e seu lado ‘feio’, assim conseguiu ir vislumbrando sua própria luz. A aceitação das limitações pelo Outro permite ao Ser viver a graça e a transcendência. No território da transcendência já não estamos no espaço da desesperança, na verdade estamos no território da fé que é o que importa para o renascimento da esperança. Ela conseguiu aproximar-se da família e viver a graça do amor. De alguma forma, amar é descobrir que se é amado. Desse modo, Valentina conseguiu terminar seu curso e em seguida fez um concurso e reiniciou sua vida profissional.

Esses fragmentos clínicos nos levam a pensar o quando podemos mudar a partir do Outro, vimos em Lacan, Winnicott, Dolto e James Loder o quando o Ser que se manifesta nas relações pode nos oferecer uma imagem transformada de nós mesmos e do outro. Nessa dimensão conseguimos seguir adiante como na epígrafe do texto, onde Elias seguiu adiante renascendo e transformando-se nas experiências da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo retomamos alguns pontos da constituição da subjetividade e espiritualidade, reconfiguramos alguns aspectos recorrentes na clínica psicológica-psicanalítica, ou seja, a questão do sofrimento que se repete nas memórias trazidas pelos pacientes, na forma de dores vividas como bloqueios, impedimentos,

vibrações negativas. O trabalho também contribuiu na abertura ao diálogo interdisciplinar entre psicologia-psicanálise e teologia. A psicologia se debruça sobre a espiritualidade, pois à medida que compreendemos as matrizes do eu não podemos ficar inertes às manifestações da Divindade como centro de nós mesmos.

O trabalho oportunizou retomarmos conceitos importantes da psicanálise e da teologia na formação das identidades humanas, da mesma forma sugere que a esperança pode ser um efeito à *posteriori* da fé. Ou seja, à medida que há uma ordem transcendente, há um eu capaz de inibir os instintos, um eu que possui um cérebro com suas estruturas e padrões de conduta e com capacidade de modificar esses padrões para nos reposicionarmos diante das vicissitudes da vida.

No fragmento clínico estudado compreendemos que é também através do sofrimento que essa pessoa poderá aprender alguma coisa sobre si própria, que ela poderá descobrir quem ela é ou quem está no comando de sua vida. Nos momentos de sofrimento, de escuridão da alma podemos encontrar as resposta para nossas questões através da relação de confiança e fé com o Ser que nos habita e com aquele que compartilhamos os nossos conflitos e angústias.

A lógica do espírito estudada através da pesquisa de James Loder *apud* Wondracek *et al* (2012) lança luz sobre a nossa imagem, ou seja, os fundamentos da nossa existência precisa ser buscada a partir da referência a espécie em pertencemos, através da base antropológica-teológica que aponta que Jesus é a face de Deus, somos lançados à viver a graça através da inspiração em nossa vida cotidiana. Assim, precisamos acolher com amor a haste de espinhos para que a rosa possa produzir perfume, ou seja, esperança.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA CONSELHEIRA. *Novo testamento*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

DOLTO, Françoise. *A Imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1992.

FREUD, Sigmund. _____. Recordar, repetir e elaborar (Novas contribuições sobre a técnica da psicanálise III) (1915[1914]). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

JACQUES, LACAN. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LELOUP, Jean-Yves. *O anjo como mestre interior*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1989.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. Lisboa: Rés, 1969.

ROUDINESCO, E.; POLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SLAVUTZKY, Abrão. *Quem pensas tu que eu sou?* São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2009.

WINNICOTT, DONALD. O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. (1975). Cap. IX, Rio de Janeiro.

WONDRACEK, Karin; REHBEIN, Matthew L.; CARTELL, Letícia N. *Desenvolvimento humano na lógica do espírito: introdução as ideias de James E. Loder*. 1. ed. Joinville (SC): Grafar, 2012.